

S E R V I Ç O S O C I A L D O C O M É R C I O
= S E S C =



IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

" O C A S T I Ç A L "

Três atos de:

ALFRED DE MUSSET

Tradução de:

PAULO HECKER FILHO

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TEATRO SÃO PEDRO

De 26 de setembro a
6 de outubro de 1968

O CASTIÇAL

Três atos de
ALFRED DE MUSSET

(Tradução de Paulo Hecim Filho)

Como diz Merlin, assim pensa e age quem
Quem muitas vezes engana a si mesmo

Le F... ..



PERSONAGENS:

O SENHOR ANDRÉ, notário
JACQUELINE, sua mulher
CLAVARROCHE, oficial dos dragões
FORTUNIO,
GUILHERME, funcionários do cartório
LANDRY,
MADALENA, empregada
UM JARDINEIRO

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

A ação se passa numa pequena cidade.

CENÁRIOS:

Primeiro ato: quadro I, quarto de dormir de Jacqueline; quadro II, jardim.
Segundo ato: sala de jantar.
Terceiro ato: de novo o quarto de dormir.

SBAT
DIREITOS DE REPRESENTAÇÃO
VISTO Nº 257-828
PORTO ALEGRE, 27/8/68
PELA SBAT

("Le Chandelier" foi publicado na Revue des Deux Mondes em 1835, e re-
presentado pela primeira vez em 1848. Traduzido em 1957.)

SBAT
DIREITOS DE REPRESENTAÇÃO
VISTO Nº 257-828
PORTO ALEGRE, 27 8/68

PRIMEIRO ATO

QUADRO I

I CENA. Um quarto de dormir. Jacqueline no leito. Entra o Senhor André de chambre com uma vela na mão.



SENHOR ANDRÉ - Ó minha mulher! Eh, Jacqueline! Ah, Jacqueline, minha mulher! Maldito sono. Eh, eh, minha mulher, acorde! Vamos, vamos, levante. Jacqueline. Como ela dorme! Vamos, vamos, vamos! Eh, eh, eh, minha mulher, minha mulher, minha mulher! sou eu, André, o seu marido, que tem de lhe falar de coisas sérias. Eh, eh! psiu, psiu! hem, bom, bom, psiu! Jacqueline, você está morta? Se não acorda imediatamente, lhe joga a jarra d'água.

JACQUELINE - De que se trata, meu bom amigo?

ANDRÉ - Enfim, puxa, que horror! Não vai parar de se espreguiçar? Dormir é com você, nunca vi! Escute, tenho que lhe falar. Ontem à noite, meu escrevente Landry ...

JACQUELINE - Deus do céu, mas ainda nem é dia! Fiquem loucos, senhor André? Acordar-me assim sem razão ... Por favor, volte a deitar-se. Não está doente, não?

ANDRÉ - Nem louco nem doente, e a desperto sabendo o que faço. Tenho de falar-lhe agora: cuide primeiro de me escutar e depois de responder. Eis o que aconteceu ao meu escrevente Landry - você o conhece bem...

JACQUELINE - Por obséquio, que horas são?

ANDRÉ - Bois da manhã. Preste atenção ao que lhe digo! não é nada agradável nem tenho vontade de rir. A minha honra, senhora, a sua e a vida de ambos talvez, dependem da explicação que vou ter consigo. Landry viu esta noite...

JACQUELINE - Mas, senhor André, se está doente, bastava avisar logo. Não me incumbe atender e cuidar o querido companheiro?

ANDRÉ - Estou bem, lhe disse; será incapaz de me ouvir?

JACQUELINE - Meu Deus, o senhor me faz mão; andaram nos roubando?

ANDRÉ - Não, não nos roubaram. Sente-se na cama e abra os ouvidos. Meu escrevente Landry acaba de despertar-me para entregar um trabalho que se encarregou de terminar esta noite. Como ele estava no escritório...

JACQUELINE - Santa Virgem! estou certa: o senhor teve alguma discussão no café onde vai.

ANDRÉ - Não, não, não tive nenhuma discussão, nada me aconteceu. Não quer me escutar, hem? Digo-lhe que o escrevente Landry viu um homem esta noite deslizar pela sua janela. É isso, minha mulher, está surda?

JACQUELINE - Tenha a bondade de abrir as cortinas.

ANDRÉ - Pronto. E você bocejava depois do jantar; por Deus que não esquece nada! Cuidado, Jacqueline. Sou um homem pacífico mas ciOSO de você. Ao vir resolvi tratá-la com suavidade, como estou fazendo, pois antes de condená-la, queria ser informado por você, dando-lhe a oportunidade de se defender e explicar categoricamente. Se recusa, cuidado! A guarnição está na cidade e você vê, Deus me perdoe, uma porção de dragões. Seu silêncio pode confirmar suspeitas que alimento há muito tempo.

JACQUELINE - Ah, senhor André! você não gosta mais de mim. Em vão diaforça com palavras bondosas a mortal frieza que substituiu tanto amor. Outrora não era assim, não me falava nesse tom; não seria tão / depressa que teria me condenado sem me ouvir. Dois anos de paz, amor e felicidade não se desvaneceriam assim como sombras. Mas aí! o ciúme o tomou; há algum tempo a fria indiferença abriu-lhe a porta em seu coração. De que serviria o evidente? A própria inocência seria culpada diante do senhor. Não me ama mais e por isso me acusa.

ANDRÉ - E essa agora! Não se trata disso, Jacqueline. Landry viu um homem...

JACQUELINE - Meu Deus, eu entendi! Imagina que sou uma idiota para ter de insistir assim? Gansa, é insuportável.

ANDRÉ - E por que não contesta?

JACQUELINE (chorando) - Pai Celestial, como sou infeliz! qual será o meu fim? Vajo claro: o senhor decidiu matar-me. Faça de mim o que lhe agrade; é homem e eu mulher - a força está do seu lado. Resigno-me, espero; serve-se do primeiro pretexto para justificar sua violência. Só me resta ir embora... para um convento, num deserto, se possível. Levarei comigo, amortalhada no coração, a lembrança do tempo que passou.

ANDRÉ - Minha esposa, esposa! pelo amor de Deus e dos santos, está sombando de mim?

JACQUELINE - Ah, de fato, senhor André; por acaso é sério o que disse?

ANDRÉ - Se é sério?! Deus! a paciência me foge, e não sei onde estou que não a levo aos tribunais.

JACQUELINE - Aos tribunais?

ANDRÉ - Sim. Oh, o que pode fazer um homem com uma jumenta dessas! Nunca ouvi falar que se pudesse ser tão teimoso!

JACQUELINE (levantando-se com precipitação) - Viu um homem entrar pela janela? viu, senhor, sim ou não?

ANDRÉ - Não com meus olhos.

JACQUELINE - Não com os seus e quer me processar?

ANDRÉ - Sim, pelos céus! se não responde.

JACQUELINE - Sabe de uma coisa, senhor André, que minha avó aprendeu da avó dela? Quando um marido confia em sua mulher, guarda pa

ra si os meus pensamentos, e se está certo das causas das suspeitas, não tem mais do que consultá-la. Se tem dúvidas, apague-as; se lhe faltam provas, cale-se; e quando não se pode demonstrar que se tem razão, não se tem razão. Ande, venha; saiamos daqui.

ANDRÉ - Ah, toma-o assia ?

JACQUELINE - Claro. Ande, eu o sigo.

ANDRÉ - E onde quer que eu vá a esta hora ?

JACQUELINE - Aos tribunais.

ANDRÉ - Aos tribunais ? Mas Jacqueline...

JACQUELINE - Ande, ande; quando se ameaça, que não seja em vão.

ANDRÉ - Vejamos, acalma-te um pouco.

JACQUELINE - Não, pretendia levar-me aos tribunais e quero ir imediatamente.

ANDRÉ - Que dirás em tua defesa ? Podes dizê-lo igualmente agora.

JACQUELINE - Não, não quero dizer nada aqui.

ANDRÉ - Por quê ?

JACQUELINE - Porque quero ir aos tribunais.

ANDRÉ - Você seria capaz de me enlouquecer! Parece que sonho, eterno Deus, criador do mundo! Vou ficar doente.

JACQUELINE - Vamos, venha.

ANDRÉ - Como, o quê, será possível ?! Mas me escuta! Estava na cama dormindo, e as paredes são testemunhas que com toda a alma, Meu escrevente Landry, um garoto de dezesseis anos que nunca caluniou ninguém na vida, o jovem mais cândido do mundo que passara a noite copiando um inventário, vê entrar um homem pela janela. Avisa-me, ponho o chambre e venho encontrá-la amigavelmente. Peço-lhe o favor de me explicar o que isso significa, e você me injuria! me trata como um demente, pulando da cama quase a me agarrar pela garganta! Isso passa dos limites! Estarei por oito dias incapaz de acertar uma conta. Jacqueline, minha mulherzinha, é você que me trata assim!

JACQUELINE - Oh, você é um pobre-diabo.

ANDRÉ - Mas o que te custaria me responder, querida ? Julgas que eu possa pensar que me enganes realmente ? Ai de mim, uma palavra tua bastava. Por que não queres dizê-la ? Foi talvez um ladrão que penetrou pela janela... o bairro não dos mais seguros e faríamos bem em nos mudar. Todos êsses soldados... isso não me agrada, não me agrada nada... minha belezinha, minha jóia. Quando passeamos, ou vamos ao teatro e aos bailes, e até em nossa casa, êsse pessoal está presente. Não consigo te dizer uma palavra de perto sem roçar numa dragona, ou sem que sabre curto se embarace em minhas pernas. Quem sabe se a impertinência dêles não os levaria à audácia de escalar nossas janelas ? Nada sabes, eu vejo, não és tu que os encorajas; êsses brutos são capazes de tudo. Vamos, dá-me a mão. Será que me queres mal, Jacqueline ?



JACQUELINE - Claro, me ameaçar de recorrer à justiça! Quando mamãe souber, verá que carão recebe!

ANDRÉ - Não lhe digas nada! Para que participes nos jogos das briguinhas? São apenas nuvens que passam um instante no céu, para deixá-lo mais tranquilo e puro.

JACQUELINE - Tomara!

ANDRÉ - Será que não sei que me amas, e não tenho em ti mais cega confiança? Depois, a janela que Landry falou não é diretamente no teu quarto; passando pela entrada das colunas, por ali se vai ao pomar. E não me surpreenderia que nesse vizinho, o senhor Pedro, viesse furtar alguma fruta. Vá, vá, tranquiliza-te: esta noite ponho o homem jardineiro de sentinela, e a armadilha para lobos na entrada. Amanhã nós dois riremos juntos.

JACQUELINE - Estou caindo de sono; fui despertada de uma tal maneira...

ANDRÉ - Descansa, queridinha; vou-me embora, deixo-te. Até já e não pensem mais nisto. Vê, minha filha, não dou a mínima busca em teu quarto, acredito na tua palavra. Parece que te amo com vêzes mais por ter desconfiado de ti sem motivo e por te saber inocente. Em breve repararei tudo isso: vamos para o campo e te faço um presente. Adeus, até já. E observa: não há nada como a gente se explicar; acaba sempre se entendendo.

II CENA. Jacqueline, só, abre um armário. Surge o capitão Clavarroche.

CLAVARROCHE (saindo do móvel) - Ufa!

JACQUELINE - Depressa, saia. Meu marido está com ciúme. Viram você entrar, mas não reconheceram. Como se foi lá dentro?

CLAVARROCHE - Às maravilhas...

JACQUELINE - Não há tempo a perder. Que faremos? Temos de seguir nos encontrando sem que nos vejam. Como? Esta noite o jardineiro estará vigiando, e não garanto pela minha empregada. Encontrar-se noutra parte é impossível; tudo acaba se sabendo numa cidadozinha. Você está coberto de pó e parece que morca.

CLAVARROCHE - Parti o joelho e a cabeça; o punho do meu sabre me amolçou as costas. Puxa! se diria que fui moído.

JACQUELINE - Queime as minhas cartas chegando em casa. Se as acham, estou perdida. Landry, um esprevente, foi que viu você, ele me pagará. Que fazer? qual o meio? responda! Está pálido como a morte.

CLAVARROCHE - Estava em posição falsa quando fechou a porta; e fiquei durante uma hora como uma curiosidade de história natural numa garrafa de álcool.

JACQUELINE - Sim-sim, mas que faremos?

CLAVARROCHE - Bem, não há nada tão fácil.

JACQUELINE - Ah...

CLAVARROCHE - Que "ah"...? Não há nada tão fácil. Pensa que é o meu primeiro caso? Estou morto, dê-me um copo d'água.

JACQUELINE (apontando uma mesinha) - Ali. - Certo que o melhor seria nos virmos na granja.

CLAVARROCHE - Esses maridos, quando acordam, são uns animais incômodos! Repara como ficou o meu uniforme, estarei bem bonito na parada! (Bebe). Que o diabo me leve: com esta poeira, foi preciso uma resistência infernal para não espirrar. - Tem uma escôva?

JACQUELINE - Eis aí o meu toucador, pegue o que quiser.

CLAVARROCHE (se escovando) - Por que ir à granja? Seu marido, pelo que notei, é fácil de ajeitar. São habituais essas suas aparições noturnas?

JACQUELINE - Não, graças a Deus! Estou ainda tremendo. Mas penso que agora, com as idéias que ele tem na cabeça, tôdas as suspeitas recairão sobre você.

CLAVARROCHE - Por que sobre mim?

JACQUELINE - Por quê? Não sei... mas me parece ser o natural. A verdade é uma coisa estranha, Clavarroche, tem algo dos espectros: a presentimos sem tocá-la.

CLAVARROCHE (arrumando o uniforme) - Bah! são os avós e o tenente da polícia os que dizem que tudo se sabe. Possuem para isso uma boa razão: a de que tudo o que não se sabe, se ignora, e por consequência não existe. Parece que falo bobagem; mas pense: verás que é certo.

JACQUELINE - Concorro com o que quiser, mas as mãos me tremem, tenho um medo pior que o desastre temido.

CLAVARROCHE - Paciência! ajeitaremos tudo.

JACQUELINE - Como? Fale, já é dia.

CLAVARROCHE - Eh, que cabeça louca! Está bonita como um anjo com esses ares assustados. Sente e raciocinemos sobre o nosso caso. Sis-me quase apresentável e em ordem, apesar deste armário cruel! Como pode guardar nêle as suas coisas?

JACQUELINE - Não ria, me faz fremir.

CLAVARROCHE - Pois bem, minha cara, escute: vou dar-lhe meus princípios. Quando se topa na estrada com esta espécie de animal maléfico que se chama um marido ciumento...

JACQUELINE - Ah, Clavarroche, em consideração a mim...

CLAVARROCHE - Chocou-se? (Beija-lhe a mão).

JACQUELINE - Pelo menos fale mais baixo.

CLAVARROCHE - Há três meios certos de evitar qualquer inconveniente. O primeiro é se separar... mas esse nós não queremos, não é?

JACQUELINE - Você me faz morrer de medo.



CLAVARROCHE - O segundo, o melhor incontestavelmente, é o de não se preocupar e, sendo necessário...

JACQUELINE - Sim?

CLAVARROCHE - Não, esse também não presta. Tem um marido notário, homem de penas: vamos deixar a espada na bainha. Sobre pois o terceiro, que é encontrar um castical.

JACQUELINE - Um castical? Que quer dizer?

CLAVARROCHE - No regimento se chama assim a um rapagão bonzinho que se encarregue de trazer uma manta ou uma sombrinha, se necessária; que, ao levantar-se para dançar uma mulher, vai sério se sentar na cadeira dela, e com um olhar melancólico a segue no salão, brincando com seu leque; dá-lhe a mão para sair dum camarote, e coloca com orgulho, sobre a consola perto, o copo em que ela acaba de beber; se se admira a dama, êle estufa, se a insultam, briga. Falta uma almofada na cadeira dela? Precipita-se para buscá-la onde esteja, pois conhece a casa e os utensílios - êle faz parte dos móveis - e pode atravessar os corredores sem luz. Há festa nalguma parte que a bela deseja assistir? Faz a barba especialmente e desde cedo está na entrada ou no lugar, reservando-lhe assento com as suas luvas. Perguntam-lhe por que se fez sombrio, e não sabe nem pode dizer. É apenas porque às vezes a dama deixou de encorajá-lo com um sorriso, ou não lhe abandonou na valesa a ponta dos dedos que êle aperta com amor. É como êstes senhores que têm cargos honoríficos e recebem convites para os dias de gala, mas aos quais a intimidade está cerrada, não lhes dá respeito. Numa palavra, seus direitos terminam ali onde começam os verdadeiros... tem tudo o que se vê das mulheres e nada do que se deseja delas. Atrás dêsse cômodo manequim esconde-se o feliz mistério; êle serve de anteparo ao que se passa realmente. Se o marido tiver ciúme, será dêle, que se torna o alvo dos falatórios. Vai, vem, inquieta-se - deixa-se que cogita, é o seu papel. Enquanto isso, o amante discreto e a amiga muito inocente, cobertos dum véu impenetrável, riem-se dêle e dos curiosos.

JACQUELINE - Não posso deixar de rir, apesar da pouca vontade que tenho. E por que dão a tal personagem o nome barroco de castical?

CLAVARROCHE - Oh, oh!... É nêle que se apóia a vela...

JACQUELINE - Bem, bem, já entendi.

CLAVARROCHE - Veja, querida, se entre seus amigos, não desco - bre uma boa alma capaz de desempenhar essa função, que afinal não é sem doçuras. Procure, pense nisso. (Olha seu relógio) Sete horas! preciso deixá-la. Estou de oficial de dia hoje.

JACQUELINE - Mas, Clavarroche, de fato eu não conheço ninguém aqui. E depois é um engano de que não me sinto capaz. Animar um jovem,

o atrair, deixar esperar, torná-lo talvez realmente apaixonados, e não se importar com o que possa sofrer.... É uma tratantada o que me propõe.

CLAVAROCHE - Prefere que a perca? Na situação em que estamos, não vê que convém desviar as suspeitas a qualquer preço?

JACQUELINE - Mas por que fazê-las cair num outro?

CLAVAROCHE - Oh, para que caíam... As suspeitas dum marido ciumento, minha cara, não saberiam planar no espaço, não são andorinhas. Têm de pousar, cedo ou tarde, e o mais seguro é lhes fazer um ninho.

JACQUELINE - Decididamente não, não posso. Não seria preciso para isso me comprometer muito, não é?

CLAVAROCHE - Está brincando? Na hora das provas, você sempre poderia demonstrar a sua inocência. Um apaixonado não é um amante.

JACQUELINE - Sem dúvida, mas...

CLAVAROCHE - (aproximando-se da janela) - Olhe: em sua pátio, há três jovens sentados ao pé duma árvore, os empregados de seu marido. Escolha entre eles, e quando eu volte que um esteja apaixonadíssimo por você.

JACQUELINE - Como será possível? Nunca lhes disse uma palavra.

CLAVAROCHE - Não és filha de Eva? Vamos, Jacqueline, diz que sim.

JACQUELINE - Não conte com isso que nada farei.

CLAVAROCHE - (aperta-lhe a mão) - Choque, obrigado. Adeus, minha recessa. Você é fina, jovem, bela, apaixonada... um pouco, não é verdade? Mãos á obra! jogue o anzol.

JACQUELINE - Atrevido!

CLAVAROCHE - Orgulhoso e atrevido; orgulhoso por agradá-la e atrevido para a conservar.

QUADRO II

I CENA. O cenário representa um jardim. À esquerda, o cartório. Fortúnio, Landry, Guilherme.

LANDRY - Sim, meu caro, bem como tenho a honra de te dizer...

FORTÚNIO - Realmente é singular esta aventura estranha.

LANDRY - Não vão vocês agora dar com a língua nos dentes; eu seria despedido.

FORTÚNIO - Estranha e admirável... Sim, seja quem fôr, é um homem feliz.

LANDRY - Prometam-me não dizer nada; o senhor André me fez jurar que não contava.

GUILHERME - Do próximo, do rei e das mulheres, não se deve falar nada...

FORTÚNIO - Que exista semelhantes coisas me faz saltar o coração. Realmente, Landry, tu o viste?

LANDRY - Está, está; não se toque mais no assunto.

FORTÚNIO - Escutaste-o caminhar docemente?

LANDRY - Como um gato, atrás do muro.

FORTÚNIO - Bater docemente à janela?

LANDRY - Como um grão de areia sob o pé.

FORTÚNIO - Depois a sobra dum homem na parede ao atravessar a porta?

LANDRY - Como um espectro em seu manto.

FORTÚNIO - E uma mão atrás do postigo?

LANDRY - Trêmula como uma fôlha.

FORTÚNIO - Uma luz na galeria, depois um beijo, depois alguns passos remotos?

LANDRY - E depois o silêncio, as cortinas que se fecham, a luz que desaparece.

FORTÚNIO - Se eu estivesse em teu lugar, teria ficado até a manhã.

GUILLERME - Porventura te apaixonaste por Jacqueline? Estarias arranjado!

FORTÚNIO - Juro ante Deus, Guilherme, que na presença de Jacqueline nunca ergui os olhos. Nem em pensamento ousaria amá-la. Encontrei-a num baile uma vez; minha mão não tocou a sua, nem seus lábios me falaram. Do que ela faz ou pensa, nada sei, a não ser que passava aqui depois do almoço, e que unedeço com a respiração os vidros olhando-a a caminhar pela alameda.

GUILLERME - Mas se não estás apaixonado, por que dizes que terias ficado até de manhã? Não havia nada de melhor a fazer que o que fez Landry: ir contar a coisa ao nosso patrão, o senhor André.

FORTÚNIO - Landry agiu como lhe agradou. Que Romeu e Julieta! Quisera ser o pássaro matinal que os adverte do perigo.

GUILLERME - Bem tuas essas orfançadas... Que te importa que Jacqueline tenha um amante? Deve ser algum oficial da guarnição.

FORTÚNIO - Se eu estivesse no escritório! como gostaria de ter visto tudo!

GUILLERME - Bem haja! É o nosso livreiro que te envenena com os seus romances. Que ganharias com esse enredo? Continuar um João-nin-guem como antes. Não esperas por acaso ter uma possibilidade, não... Oh, sem dúvida, calcula que se pensará algum dia nêlo. Pobre rapaz! desconheces as nossas belas da província. Com essas roupas, não passamos de refugo, bom no máximo para costureiras. Elas não querem apsl par senão dragonas, e quando o conseguem, pouco lhes importa que



guarnição seja mudada. Todos os militares se parecem: quem ama um, ama cem. Apenas varia o avêso da roupa, que de amarelo se torna verde ou branco. De resto, não encontram elas o bigode igualado, levantado nas pontas, uma igual atitude de corpo de guarda, a mesma linguagem e o mesmo prazer? São todos feitos segundo um modelo, em rigor, elas podem se enganar.

FORTÚNIO - Não adianta conversar contigo; passes os feriados e os domingos olhando jogadores de bolas.

GUILHERME - E tu, sozinho à tua janela, com o nariz metido no jardim, grande diferença faz! Com essas idéias românticas, acabarás louco varrido. Mas entremos: Em que penses? Está na hora do trabalho.

FORTÚNIO - Gostaria de ter estado com Landry de noite no escritório. (Entram os três).

IV CENA. Jacqueline e Madalena.

JACQUELINE - Nossas ameixas vão ficar bonitas êste ano, e as latadas também, parece. Vem por aqui um pouco.

MADALENA - Não teme mais o ar, senhora? Não está quente esta manhã.

JACQUELINE - Para falar verdade, nos dois anos que morei nesta casa, acho que não vim duas vezes a esta parte do jardim. Olha porém que pó de madressilva. E que grandezinha ótima para trepadeiras..

MADALENA - Ainda mais que a senhora fêz questão de descer sem chapéu.

JACQUELINE - Diz-me, já que estás aí. Quem são os jovens lá dentro na sala? Se não me engano, nos olham. Estavam agora mesmo aqui.

MADALENA - Não os conheço ainda? São os escreventes do senhor André.

JACQUELINE - Ah, tu os conhece, Madalena? Por que ficaste en-cabulada?

MADALENA - Eu, senhora? por que ficaria? Conheço-os de ver to-dos os dias. Todos os dias... maneira de dizer. Mas não sei nada sô-bre êles.

JACQUELINE - Anda, confessa que encabulaste. Não precisas te defender. Pelo que posso julgar daqui, não me parecem mal. Qual deles preferes? Confia em mim, Madalena. És bonita e está certo que êsses jovens te façam a côrte.

MADALENA - Não digo que esteja errado; são corretos e de fami-lia dignas. Há um que nenhuma costureira da rua principal faz figa se ôle a cumprimenta.

JACQUELINE (aproximando-se da casa)- Qual? o que está arrumam-do a pena?



MADALENA - Oh não! Este é o senhor Landry, uma magricela que não sabe o que dizer.

JACQUELINE - É então o que está escrevendo?

MADALENA - Qu' esperança! Este é o senhor Guicharme, um rapaz bem plantado, mas seus cabelos não se ajeitam, e faz pinta no domingo quando se põe a dançar.

JACQUELINE - De quem falas então? Não vejo ninguém no escritório.

MADALENA - Não dá para ver pela janela? É um rapaz liapo e bem penteado. Olhe, está mexendo numa pasta; o pequeno Fortunio.

JACQUELINE - Sim, já vejo. Não está mal, hem?, com seu arzinho inocente. Cuidado, Madalena, que esses anjos perdem as mulheres. E ele corteja as costureirinhas, êste senhor, com seus olhos vivos? Mas não precisa baixar os seus, Madalena, num jeitinho desdenhoso... De fato, a escolha não é má. Este sabe então o que dizer e tem um professor de dança?

MADALENA - Com sua licença, senhora, se o amor o pegou aqui, não será por tão pouca coisa. Se tivesse virado a cabeça ao passar pelo jardim, o teria visto mais duma vez, com os braços cruzados e a caneta na orelha, a olhá-la tanto quanto podia.

JACQUELINE - Está brincando, senhorita, e esquece a quem fala?

MADALENA - Um cão pode olhar um bispo e há quem diga que o bispo não fica bravo por ser olhado pelo cão. Ele não é tão tolo, êste jovem, e seu pai é um ourives rico. Nem acho que haja ofensa em observar passar as pessoas.

JACQUELINE - Quem lhe disse que é a mim que observa? Ele não lhe confessou nada a respeito, suponho.

MADALENA - Quando um jovem se vira, vamos, senhora, é preciso não ser mulher para deixar de adivinhar aonde vão os seus olhos. Era desnecessário que me confessasse qualquer coisa: ouviria o que já sei.

JACQUELINE - Estou com frio. Vá me buscar uma manta para parar de falar assim.

7 CENA. Jacqueline, o Jardineiro.

JACQUELINE - Creio que é o jardineiro ali atrás das árvores. É! Pedro, escute.

O JARDINEIRO - Chamou-me, senhora?

JACQUELINE - Sim. Entre aí e pergunte por um auxiliar que se chama Fortunio. Que venha, tenho de lhe falar.

O JARDINEIRO - Justamente é êle quem vem. Senhor Fortunio, a senhora quer lhe falar.



VI CENA. Fortúnio, Jacqueline.

FORTÚNIO - Senhora, há um equívoco sem dúvidas, dizem que pergunta por mim.

JACQUELINE - Não há, sente-se. Vê-me, senhor Fortúnio, com trafeita, sem jeito. Ignoro como dizer o que tenho a lhe pedir, por que me dirijo a você.

FORTÚNIO - Sou apenas o terceiro escrevente. Se se trata dum negócio de importância, fale a Guilherme, nosso primeiro escrevente. Quer que o chame?

JACQUELINE - Mas não. Fôse um negócio, recorreria a meu marido.

FORTÚNIO - Poderei servi-la em algo? Tenha a bondade de falar com tôda a confiança. Apesar de bem jovem, eu morreria de boa vontade para servi-la.

JACQUELINE - É um modo de falar galante e corajoso. Contudo, se não me engano, você não me conhece.

FORTÚNIO - A estrêla que brilha no horizonte ignora os olhos que a fitam, mas a ela o mais humilde pastor que ande pela colina conhece.

JACQUELINE - É um segredo o que tenho a lhe comunicar e hesito por dois motivos: pode trair-me e, em segundo lugar, mesmo me servindo, formar de mim má opinião.

FORTÚNIO - Submeta-me a uma prova. Suplico que creia em mim.

JACQUELINE - Mas como diz, você é ainda bem mogo. Pode crer em si mesmo, e nem sempre corresponder.

FORTÚNIO - Pelo que sente meu coração, eu respondo.

JACQUELINE - Ai, a necessidade é imprudente; veja se alguém me escuta.

FORTÚNIO - Ninguém; o jardim está deserto e fechei a porta do escritório.

JACQUELINE - Não, decididamente não posso falar. Perdoe-me o incômodo inútil e não se fale mais nisso.

FORTÚNIO - Ai de mim, senhora, põe-me triste. Mas será como de seja.

JACQUELINE - É ^(que) a posição em que estou não tem realmente sentido. Precisarí, digo-lhe? não inteiramente dum amigo, e no entanto dum ação de amigo. Não sei que partido tomar. Passeava pelo jardim, olhando as latadas, e não sei por quê, vendo-o desta janela, tive a idéia de mandar chamá-lo.

FORTÚNIO - Seja qual fôr o capricho da sorte a que devo êsse privilégio, permita que o aproveite. Não posso mais que repetir minhas



palavras: eu morreria de boa vontade pela senhora.

JACQUELINE - Não o repita demais... é o meio de se fazer calar.

FORTÚNIO - Por quê? é o fundo do meu coração.

JACQUELINE - Por quê? por quê? que sabe você a respeito disso? e eu, nem quero pensar. Não, o que lhe pedirei não pode ter nada de -
quência tão grave, graças a Deus; é um nada, uma bagatela. Você é u-
ma criança, não? Acha-me talvez bonita e me dirige levemente algu-
mas palavras galantes. Tomo-as assim, é simples; qualquer homem em
seu lugar poderia dizer o mesmo.

FORTÚNIO - Senhora, eu nunca menti. É verdade que sou uma crian-
ça e se pode duvidar de minhas palavras; mas, exatamente como soam, as
julgue Deus.

JACQUELINE - Está bem; você conhece o seu papel e não se contra-
diz. Mas nesse ponto, basta. Pegue este banco e ponha-se ali.

FORTÚNIO - Para obedecê-la.

JACQUELINE - Perdoa-me uma pergunta que talvez lhe pareça es-
tranha. Madalena, minha servente, disse-me que seu pai era joalheiro.
Deve ser relacionado com os comerciantes da cidade.

FORTÚNIO - Sim, senhora, será raro o que ignore a nossa casa.

JACQUELINE - De modo que deve ter tido ocasião de ir e vir na
zona do comércio, e o conhecem de vista nas lojas da rua principal.

FORTÚNIO - Sim, senhora, para servi-la.

JACQUELINE - Uma de minhas amigas tem um marido ávaro e ciomon-
to. Possui certa fortuna, mas não pode dispor dela. Seus prazeres,
gostos, adornos - caprichos, se quer... que mulher vive sem caprichos?
tudo está regado e controlado. A não ser em fins de ano, ela não se
acha em posição de fazer face a despesas maiores. Mas cada mês, quase
cada semana, cumpre contar, disputar, calcular tudo o que compra. En-
fim, relativamente rica, leva uma vida incômoda. É mais pobre do que
o que possui, seu dinheiro de nada lhe serve. É quem diz tualote, fa-
lando de mulheres, diz uma grande palavra, você sabe. Foi preciso, a-
sim, usar dum stratagem a qualquer preço. Das contas dos fornecedo-
res não constam senão essas despesas banais que o marido chama "de pri-
meira necessidade", coisas que se pagam às claras; mas há momentos em
que certas outras contas secretas mencionam algumas bagatelas, que a
mulher chama por sua vez "de segunda necessidade", a verdadeira, embo-
ra espíritos mal formados possam considerar supérflua. Dê-se modo, tu-
do se arruma muito bem; ambos se satisfazem, e o marido, certo de seus
recibos, ignora o suficiente em matéria de vestidos, para adivinhar /
que não pagou tudo o que vê em sua mulher.

FORTÚNIO - Não acho mal nisso.

JACQUELINE - Agora, no entanto, eis o que acontece. O marido, um pouco desconfiado, terminou por se aperceber, não das roupas, mas do dinheiro de menos. E ameaçou os domésticos, apertou a bolsa, e moneou os comerciantes. A pobre mulher abandonada não perdeu um centavo, mas encontra-se, nôvo Tântalo, devorada da noite pela sede de roupas. Fim para os segredos, as contas particulares, as despesas ignoradas. A sede porém a atormenta; busca de qualquer maneira saciá-la. Conviria que um jovem decente, sobretudo discreto, e de um prestígio social na cidade que apagasse qualquer desconfiança, quisesse ir visitar as lojas comprando, como para si mesmo, o que ela pode e quer ter. Conviria que êle tivesse inicialmente fácil acesso na casa, podendo entrar e sair com segurança; e que possuísse bom gosto, é claro, sabendo escolher. Talvez fôsse um feliz acaso se êle encontrasse, lá na cidade, alguma bonita e cativante mulher, a quem se soubesse que cortejava. Não está em tal posição, imagino? Esse acaso justificaria tudo. Seria então por essa mulher que considerariam feitas as compras... Eis aí o que nos cumpre encontrar.

FORTÚNIO - Diga à sua amiga que me ofereço a ela, e a servirei da melhor maneira.

JACQUELINE - Mas se concordarmos, compreende, não é verdade?, que para ter na casa o livre acesso de que falei, o confidente deveria mostrar-se não apenas na entrada? compreende que seu lugar devia ser à mesa e na sala? Compreende que a discrição é uma virtude demasiado difícil para que lhe falte o reconhecimento, mas que, além da boa vontade, o tato aí nada arruinaria? Seria preciso que numa noite, suponho como esta noite, se fizer bom tempo, êle soubesse aproveitar a porta aberta e entregar uma jóia furtiva como um audaz contrabandista. Cumpria que nenhum ar de mistério tráfesse a sua postura; que fôsse prudente, lesto, avisado, e se lembrasse dum provérbio espanhol que leva longe os que o seguem: Aos ousados, Deus empresta a mão.

FORTÚNIO - Peço, sirva-se de mim.

JACQUELINE - Preenchidas essas condições, por pouco que se esteja certa do silêncio, pode-se dizer ao confidente o nome de sua nova amiga. Receberá então sem escrúpulos, retamente como uma jovem aia, uma bolsa cujo emprêgo saberá. Rápido! percebo Madalena que vem me trazer a manta. Discreção e prudência! Até logo. A amiga sou eu; o confidente, você; a bolsa está ali ao pé da cadeira.

VII GENA. Fortúnio; Guilherme e Landry, à janela do escritório.

GUILHERME - Eh, Fortúnio, o senhor André te chama.

LANDRY - Há trabalho sôbre a tua escrivadinha. Que fazes aí fora do escritório?

FORTÚNIO - Hem? perdão; o que desejam?

GUILHERME - O patrão te chama.

LANIRY - Chega aqui, estás sendo preciso. Em que cismará ônte sonhador?

FORTÚNIO - Realmente é singular esta aventura estranha. (Entra no escritório).



Uma sala de jantar com a mesa servida.

I CENA. Guilherme, Landry. (+)

GUILHERME - Parece que Fortúnio não ficou muito tempo no escritório.
LANDRY - Ele tem o aniversário de casamento esta noite na casa; o senhor André o convidou.

GUILHERME - Sim, de modo que a tarefa fica para nós. Tenho a mão direita paralisada já.

LANDRY - No entanto ele não passa de terceiro escrevente. Teriam podido nos convidar também.

GUILHERME - Afinal é um bom rapaz; não há grande mal nisso.

LANDRY - Não, nem haveria se nos convidassem.

GUILHERME - Hum, que cheiro de cozinha! Fazem um barulho de não se escutarem uns aos outros.

LANDRY - Creio que dançam; vi violinos.

GUILHERME - Ao diabo as papeladas! Não trabalharei mais hoje.

LANDRY - Sabes duma coisa? desconfio que há algum mistério aqui.

GUILHERME - Bah, como?

LANDRY - Sim, sim. Não está tudo claro, e se eu quisesse tagarelar um pouco...

GUILHERME - Não receies, nada direi.

LANDRY - Lembras-te que vi, outro dia, um homem escalar a janela. Quem era, não se soube. Mas hoje, não mais tarde que aquela noite, quem te fala percebeu algo e sabe muito bem o que foi.

GUILHERME - O que foi? Conta.

LANDRY - Percebi Jacqueline, tôda receio, abrir a porta do jardim. Um homem estava atrás dela, esgueirou-se contra o muro e lhe beijou a mão; em seguida se foi, mas ouvi quando dizia: Não tema, voltarei logo.

GUILHERME - Realmente? Impossível...

LANDRY - Vi-o como te vejo.

GUILHERME - Se foi assim, sei ao certo o que faria em teu lugar, palavra de honra. Advertia o senhor André, como da outra vez, nem mais nem menos.

LANDRY - Isso requer reflexão. Com um homem como o senhor André, há riscos a correr. Ele muda de opinião tôdas as manhãs.

GUILHERME - Escutas o alarido que fazem? Paf: as portas; clip, clap! os pratos, a baixela, os garfos, as garrafas! Parece-me que escuto cantarem.

LANDRY - É o capitão que sobe.



(+) Esta I Cena deve ser representada no proscênio, ou à frente de

uma segunda cortina, que se abrirá sem intervalo para a cena seguinte na sala de jantar de todo o ato. Nesse caso, conviria usar com acessórios, cadeiras, livros, canetas. N. do T.

GUILHERME - Ah, já que não nos convidaram para o aniversário, caminhemos pela alamêda e falaremos à vontade. Quando o patrão se diverte, os escreventes devem pelo menos descansar.



II CENA. Clavarroche, um Doméstico.

Clavarroche - Ninguém ainda?

O DOMÉSTICO - Não, senhor.

CLAVARROCHE - Bem, esperarei. (O Doméstico sai, deixa-o sozinho)

Em verdade, estas belas damas, se a gente as amasse de fato seria um negócio; tor sorte com elas é afinal uma tarefa exaustiva. Ora, é melhor lugar que um criado que bate à porta, o obriga a esquivar-se. A mulher que se perde por você, se entrega pela metade, com uma orelha só, a outra espreita; e no meio do mais doce transporte, empurra-o para um armário. Ora, é quando você está em casa, estendido num canapé e fatigado das manobras, que um mensageiro enviado à pressa vem lembrar que o adoram a uma légua de distância. Rápido o criado, um barbeiro! Corre-se, voa-se, e passou o tempo, marido voltou, a chuva cai; cumpre esperar em pé durante um hora. Tiram-lhe até o direito de estar doente ou apenas de mau humor! O sol, o frio, a tempestade, a incerteza, o perigo - razões para torná-lo folgazão. Desde que nasceram os provérbios, a dificuldade tem o privilégio de aumentar o prazer... e o vento forte se irritaria se, cortando-lhe a cara, não acreditasse lhe exaltar o coração... Representa-se o Amor com asas e aljava; era melhor que o pintassem como um caçador de patos selvagens, envolto num impermeável com gola de lã para garantir-lhe a nuca. Que tolos animais os homens em recusar os pratos fáceis para correr... atrás de quê, por favor? da sombra do próprio orgulho! (Aproxima-se dum espelho). Mas a guarnição permanece seis meses em cada lugar; não se pode sempre ir ao café, e os atores da província aborrecem; a gente se olha num espelho e não deseja ser bonito para nada. Jacqueline tem a cintura fina... E assim se consegue paciência e acomoda tudo, sem se fazer de difícil.

III CENA. Clavarroche, Jacqueline.

CLAVARROCHE - Bem, minha cara, que fêz você? Seguiu meus conselhos e estamos fora de perigo?

JACQUELINE - Sim.

CLAVARROCHE - Como se arranjou? vai me contar. Foi um dos escreventes do senhor André que se encarregou da nossa salvação?

JACQUELINE - Sim.

CLAVARROCHE - É uma mulher incomparável, nenhuma tem mais engenho. Fêz vir o bom repaz ao seu tocador, não é? Vejo-o daqui, esfregando as mãos su atormentando o chapéu nos dedos. Mas que lhe inventa



tou para ter êxito em tão pouco tempo?

JACQUELINE - A primeira que ocorreu, não sei.

CLAVARROCHE - Observe o pouco que somos, que pobres diabos quando às mulheres apraz nos enfeitiçar! E o nosso marido, como vê a coisa? O raio que nos ameaçava já mudou de direção?

JACQUELINE - Sim.

CLAVARROCHE - Bah, nos divertiremos; vai ser uma festa assistir a esta comédia, à tramóia e aos gestos, e mesmo representar nela o meu papel. E, diga-me, o humilde escravo, desde a última vez que nos vimos, já está apaixonado por você? Aposto que o encontrei ao subir, com uma atitude, um rosto preocupado. Está já instalado em sua função? mantém com facilidade os cuidados indispensáveis? converteu-se aos seus gostos? conteve a ardência? aventurou algumas palavras de amor recioso e respeitosa ternura? está contente com êle?

JACQUELINE - Sim.

CLAVARROCHE - E como recompensa de seus futuros serviços, êstes belos olhos cheios de chana negra, o deixaram já adivinhar que permiti-tem suspire por êles? obteve o rapaz algum favor? Vamos, com franqueza, em que pé estão? conferiram visualmente forças, namoraram? Pelo auxílio que nos presta, ancorajá-lo é o mínimo.

JACQUELINE - Sim.

CLAVARROCHE - Que tem você? Parece pensar noutra coisa, mal responde.

JACQUELINE - Fiz o que me disse.

CLAVARROCHE - Arrepende-se?

JACQUELINE - Não.

CLAVARROCHE - E êste ar inquieta? algo a impressiona.

JACQUELINE - Não.

CLAVARROCHE - Verá qualquer gravidade em semelhante brincadeira? Deixe, isso não é nada.

JACQUELINE - Se se soubesse o que houve, por que daria o mundo talvez razão a você e não a mim?

CLAVARROCHE - Bem, é um jôgo, um nada. Não me ama, Jacqueline?

JACQUELINE - Sim.

CLAVARROCHE - Então o que pode incomodá-la? Não foi para salvar o nosso amor que tudo fez?

JACQUELINE - Sim.

CLAVARROCHE - Garanto-lhe que isso me diverte e não faço ques-tão de examinar em detalhes.

SENHOR ANDRÉ (de fora) - Pechem a porta do escritório.

JACQUELINE - Silêncio! aproxima-se a hora do jantar, e o senhor André aí vem.

CLAVARROCHE - É o nosso homem que está com êle?

JACQUELINE - É. A pedido de meu marido, fica esta noite conosco.



IV CENA. Os mesmos, o senhor André, Fortunio.

ANDRÉ - Não, hoje não quero ouvir falar de negócios. Quero que censem de dançar e rir. Que maravilha! nado em alegria e vamos jantar bem.

CLAVAROCHE - Bah, está de bom humor, senhor André, pelo que vejo.

ANDRÉ - Cumpre que diga a todos o que me aconteceu ontem, é incrível. Desconfiei injustamente de minha mulher; pus a armadilha para lóbos diante da porta do jardim, e nela encontrei apenas o meu gato egta manhã; bem feito, eu o mereci. Mas quero fazer justiça à Jacqueline, e que ouçam de mim que fizemos as pazes e ela me perdoou.

JACQUELINE - Está bem, não guarde rancor; por obséquio, não fale mais nisse.

ANDRÉ - Não, desejo que todo o mundo o saiba, e o disse por tôda a parte na cidade. A propósito, trouxe de lá no bôlso um pequeno Amor de açúcar; vou pô-lo sôbre minha lareira em sinal de reconciliação, e tôdas as vêzes que o olhar, amarei cem vêzes mais a minha mulher. Isso me impedirá de desconfiar no futuro.

CLAVAROCHE - Age como um digno marido, reconheço-o, senhor André.

ANDRÉ - Saúdo-o, capitão. Quer jantar conosco?

CLAVAROCHE - Certamente, meu lugar está pôsto. Sentam-se à Mesa.

ANDRÉ - Temos hoje em casa uma festinha, a que é bom vindo.

CLAVAROCHE - Muita honra me dão.

ANDRÉ - Apresento-lhe um comensal nôvo, um de meus escreventes, capitão. Eh, eh! cadant arma torae, o quartel cede à lei... Não é para ofendê-lo. O pequeno tem seu chiste: vem fazer a côrte à minha mulher.

CLAVAROCHE - Pode-se perguntar o seu nome, senhor? Tenho enorme prazer em conhecê-lo.

ANDRÉ - Fortunio, um nome afortunado. Para falar verdade, faz quase um ano que trabalha em meu escritório e não tinha reparado no mérito que possui. Acredito mesmo que, sem Jacqueline, não o notaria. Sua caligrafia deixa a desejar e os traços que dá podem ser censurados. Mas minha mulher necessitava-o para alguns mandalotes, e elogia-lhe o sêlo. Segredos deles; nós, maridos, não devemos meter aí o nariz. Um comensal amável, numa cidadezinha, não é de se desprezar; de modo que o admiti em nossa intimidade. Queira Deus que êle goste! o recebemos da melhor maneira.

FORTUNIO - Farei o possível por corresponder.

ANDRÉ - Como sabe, o trabalho me retém em casa tôda a semana. Não me incomodo que Jacqueline se divirta sem mim como entenda. Faltava-lhe às vezes um braço para passear na cidade; o médico lhe aconselhou que caminhe e o ar livre lhe faz bem. Este rapaz sabe as novidades e lê óti



momento em voz alta. Pertence, ademais, a uma boa família e foi bem educado pelos pais. É um perfeito pagem para minha esposa; peço sua autorização para dá-lo a ela.

CLAVARROCHE - Minha amizade, honrado senhor André, está na atribuição: conquistou-a, pode dispor dela.

PORTÚNIO - O senhor capitão é gentil; não sei como agradecer.

CLAVARROCHE - A honra é minha se me considerar um amigo.

ANDRÉ - Muito bem! maravilhoso. Viva a alegria! (Bebe).

CLAVARROCHE - (baixo a Jacqueline) - Se isso vai assim, nem carecemos de escrevente.

JACQUELINE - (também baixo) - Fiz o que me disse.

ANDRÉ - Palavra que penso claro!

CLAVARROCHE - Vamos, senhor Fortúnio, sirva de beber à senhora.

PORTÚNIO - Com todo o prazer, capitão, e bebo à sua saúde.

CLAVARROCHE - Mal, você não é galante. À saúde de minha vizinha!

ANDRÉ - Eh, sim, à saúde de minha mulher! Apraz-me, capitão, que encontro seu vinho de seu gosto. (Canta) Amigos, bebamos, bebamos sem cessar...

JACQUELINE - (a André) - Cale-se.

CLAVARROCHE - Essa canção é antiga. Cante, senhor Fortúnio.

ANDRÉ - Éle canta? - Como, antiga! fui eu que a compus para o aniversário de casamento.

PORTÚNIO - Se a senhora quiser ordenar...

ANDRÉ - Eh, oh! o rapaz sabe ser social.

JACQUELINE - Pois bem, cante, eu peço.

CLAVARROCHE - Um momento. Antes de cantar, coma um pouco d'êste biscoito; lhe abrirá a voz e dará energia.

ANDRÉ - O capitão sabe brincar.

PORTÚNIO - Obrigado, isso me afogaria.

CLAVARROCHE - Bem, bem. Peça à senhora para dar-lhe um pedaço. Estou certo de que, tendo-o sua branca mão, lhe parecerá leve. (Olhando sob a mesa). Ó céu, que vejo? os seus pés sôbre o soalho! permita, senhora, que tragam uma almofada.

PORTÚNIO - (orgulhando-se) - Aqui está uma sob esta cadeira. (Coloca-a debaixo dos pés de Jacqueline).

CLAVARROCHE - Em tempo, senhor Fortúnio; pensei que ia lhe passar adiante. Um jovem que faz sua côrte não deve admitir isso.

ANDRÉ - Oh, oh, o rapaz irá longe, basta lhe dizer uma palavra.

CLAVARROCHE - Agora cante, por favor; somos todos ouvidos.

PORTÚNIO - Não ouso na frente de quem conhece o assunto. Sei apenas canções festivas.

CLAVARROCHE - Já que a senhora ordenou, não pode se excusar.

PORTÚNIO - Parei, pois, o que der.

GLAVARROCHE - Não dedicou ainda, senhor Fortúnio, alguma coisa à senhora? Esta é a ocasião.

ANDRÉ - Silêncio, silêncio. Deixe-o cantar.

GLAVARROCHE - De preferência uma canção de amor, não é, senhor Fortúnio? Não outra coisa, insisto. Senhora, peça-lhe que nos cante uma canção de amor. Não se poderia viver sem isso.

JACQUELINE - Eu peço, Fortúnio.

FORTÚNIO (canta) - Se acreditam que direi,
Que a ouso amar,
Seu nome não falarei,
Eu sei calar.

Cantaremos de mão dada,
Se lhes seduz.
É tão bonita a minha amada...
Como uma luz!

Pago o que o seu capricho
Quer ordenar.
Se fôr preciso, a vida
Posso lhe dar.

Do mal que a paixão calada
Nos faz sofrer,
Trago a alma lacerada,
Pronta a morrer.

Mas não demais para dizer
Quem ouso amar.
Quero finir por este ser
Sem o nomear.

ANDRÉ - Mas o malandro está apaixonado como diz: tem lágrimas nos olhos! Bebe para te repor, rapaz. É alguma costureirinha da cidade que te fêz este mau presente.

GLAVARROCHE - Não creio que o senhor Fortúnio tenha ambições tão plebéias. Sua canção vale mais que uma costureira. Que diz, senhora, que pensa a respeito?

JACQUELINE - Muito bem. Vamos tomar o café. (Todos se levantam).

ANDRÉ - Ah, sim, o café. - Ainda, capitão, um último copo!

JACQUELINE - (baixo) - Fortúnio, adquiriu o que lhe encomendei?

FORTÚNIO - Sim, senhora.

JACQUELINE - Espere-me aqui. Voltarei num instante.

ANDRÉ - À sua saúde, capitão. Não, não à saúde da minha mulher! (Gongoiá) Amigos, bebamos, bebamos sem cessar! (Sai cantando com Glavarroche; Jacqueline os segue).

V GEMA. Fortúnio, só.

FORTÚNIO - Pode-se ser mais feliz do que eu? Estou seguro, Jacqueline me ama; não enganam os sinais que me dá. Vejo-me recebido já, festejado, mimado na casa. Se ela sai, a acompanharei. Que doce é, que sorriso! Quando me fita, não sei o que me passa pelo corpo, uma alegria me sufoca, eu lhe saltaria no regaço! Não, quanto mais penso, os mínimos



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.8242 - CEP 90020-025

sinais, os mais ligeiros favores confirmam que me ama, me ama, e seria um tolo consumado se fingisse não ver. Há pouco quando cantei, como brilhavam seus olhos! Ah, volta.



VI CENA. Fortúnio, Jacqueline.

JACQUELINE - Está aí, Fortúnio?

FORTÚNIO - Sim, senhora; eis o que tinha pedido. (Entrega-lhe um pacotinho.)

JACQUELINE - É homem de palavra, estou contente com você.

FORTÚNIO - Como dizer-lhe o que experimento? Um olhar seu mudou a minha sorte, e não vivo senão para servi-la.

JACQUELINE - Acaba de nos cantar à mesa uma bela canção. Para quem foi feita? quer dá-la por escrito a mim?

FORTÚNIO (ajoalhando-se) - Foi feita para a senhora. Morro de amor e minha vida é sua.

JACQUELINE - Realmente! Acreditei que seus versos proibissem dizer a quem se ama.

FORTÚNIO - Ah, Jacqueline, tenha pena de mim, não é de ontem / que sofre. Há dois anos sigo o rastro de seus passos. Há dois anos, sem que nunca talvez tenha sabido de minha existência; não saiu nem entrou em casa, sua sombra trêmula e leve não surgiu atrás das cortinas nem abriu você uma janela sem que eu estivesse lá, sem que a visse. Não podia me aproximar, mas sua beleza, graças a Deus, me pertencia como o sol a todos; eu a buscava, ou a respirava, vivia da sombra da sua vida. Passava de manhã pelo umbral da porta - de noite eu vinha aí chorar. Por vezes algumas palavras de seus lábios chegavam até a mim, e eu as repetia durante dias. Cantava de noite ao piano: eu sabia de cor as suas baladas. Tudo o que você amava, eu amava. Aí de mim! noto que sorri. Deus sabe que minha dor é verdadeira e que a amo mortalmente.

JACQUELINE - Não sorrio de ouvi-lo dizer que há dois anos me ama, mas quando penso que fará dois dias amanhã que nos falamos.

FORTÚNIO - Que eu a perca, se a verdade não me é tão cara quanto o meu amor! Que a perca, se há dois anos não existo senão para você!

JACQUELINE - Foi uma empresa que aconteceu?

FORTÚNIO - Uma empresa cheia de temor, de miséria, de esperança. Ignoro se vivo ou morto. Comoousei falar-lhe, ignoro. Perdi a razão: amo, sofro. Cumpria que você o soubesse e me lastimasse.

JACQUELINE - Você namora essas mocinhas; sei como se o tivesse visto.

FORTÚNIO - Zomba de mim; quem lhe teria dito isso?

JACQUELINE - Sim, sim, vai a bailes e aos pequeniques.

FORTÚNIO - No domingo com meus amigos, que mal há?

JACQUELINE - Não acredito numa palavra de que disse; me convém não crer.

FORTÚNIO - Impossível! não pode duvidar.

JACQUELINE - Já lhe disse ontem, isso se entende, e agora, nesta idade de coração rico, os lábios não são avaros.

FORTÚNIO - Que devo fazer para convencê-la? Pergunte-lhe, diga.

JACQUELINE - Quer um belo conselho? Pois bem, seria preciso experimentar você.

FORTÚNIO (de joelhos) - Senhor Deus, não tenho senão lágrimas. Elas provam que se ama? Quê! eis-me a seus pés; meu coração a cada batida desejaria atirar-se ao seu; enaga-me uma dor que combate há dois anos, não posso mais conter, e permanece fria e incrédula? Não consigo contagiar-lhe uma faísca do fogo que me devora? Nega mesmo o que sofro, quando estou pronto a morrer perante você? Ah, é mais cruel que uma recusa! mais terrível que o desprezo! a indiferença ainda pode crer. Não merecia isso!

JACQUELINE - De pé! vem gente. Graio-o, amo-o. Não quero que nos vejam juntos. Saia pela escadinha e volte depois, que o espero (Sai).

VII CENA. Fortúnio, só.

Ela me ama! Jacqueline me ama! E afasta-se, me deixa assim! Não, não posso descer ainda. Silêncio, aproximam-se. Alguém a deteve, voltam aqui. Saíam rápido. Ah, a porta está fechada por fora! Não posso sair... como farei? Se desço pelo outro lado, topo com os que chegam.

CLAVAROCHE - (fora) - Venha, pois, venha um pouco!

FORTÚNIO - É o capitão que sobe com ela. (Esconde-se atrás duma cortina).

VIII CENA. Fortúnio, escondido, Clavarroche e Jacqueline.

CLAVAROCHE - Puxa, a procurei por toda a parte; o que fazia aízinha?

JACQUELINE - (à porta) - Deus louvado, Fortúnio partiu.

CLAVAROCHE - Deixou-me num colóquio de fato insuportável. Que fazer com o senhor André, lhe pergunto? E justamente nos deixa juntos quando o bom vinho do espôso me faz mais desejável o trato com a mulher.

FORTÚNIO (escondido) - Estranho; o que quer dizer?

CLAVAROCHE (tomando na colar da mão de Jacqueline) - Deixa ver; anêie? Diga-me que fim terá isso? fará um presente?

JACQUELINE - Sabe que se trata do nosso enredo.

CLAVAROCHE - Mas, pensando bem, é de ouro. Se pensa usar do mesmo estratagemas todas as manhãs, logo nosso jogo não continuará... A propósito! o jantar me divertiu: que curiosa figura tem o nosso neófito!

FORTÚNIO - (sempre escondido) - Neófito! em que mistério? será do mia que fala?

CLAVAROCHE - A corrente é bela, uma jóia cara. Singular idéia, a que teve.

PORTÚNIO - Ah, se diria que também a êle Jacqueline se casou.

CLAVARROCHE - Como tremia o pobre rapaz ao erguer a tanga! Dava prazer vê-lo com as suas almofadas...

PORTÚNIO - Por certo é de mim que fala e se trata do jantar de há pouco.

CLAVARROCHE - Devolverá isso, suponho, ao joalheiro que o fox nasceu.

PORTÚNIO - Devolver a corrente? por que?

CLAVARROCHE - Sobretudo sua canção impressionou-me, e o senhor André bem a marcou; êle tinha de fato lágrimas nos olhos, Deus me perdoe.

PORTÚNIO - Não ouse acreditar nem compreender ainda. Sonho? O que é então êste Clavarroche?

CLAVARROCHE - De resto, tornou-se inútil levar as coisas mais longe. Para que serve um terceiro incômodo, se as suspeitas desapareceram? Êsses maridos nunca deixam de adorar os apaixonados pelas suas mulheres. Foi o que aconteceu. Mas já que voltou a confiança em você, cumpre apagar o castiçal.

JACQUELINE - Quem pode saber o que ocorrerá? Com o gênio do meu marido, não há nada seguro, e convém conservar à mão o necessário para sair de embargos.

PORTÚNIO - Que façam de mim um brinquedo, não pode ser sem motivo. As palavras de ambos são enigmas.

CLAVARROCHE - O melhor seria despedi-lo, é o que eu penso.

JACQUELINE - Como queira. Em tudo isso, não é a mim que consulto. Quando o mal se torna necessário, creê que foi por que o escolhi? Mas quem sabe se amanhã, esta noite, daqui a uma hora, não virá uma borrasca? Convém não contar demais com a calma.

CLAVARROCHE - Acha?

PORTÚNIO - Justo céu!

JACQUELINE - Parece que ouvi um suspiro.

CLAVARROCHE - Ah, é o seu marido que vem.

EX CENA. Os mesmos, o senhor André não ébrio.

ANDRÉ - Capitão! capitão! onde está? Ah bem, me deixa tomar o café sozinho. É o fim da nossa partida de baralho?

CLAVARROCHE - (à parte) - Muito agradável...

ANDRÉ - Ontem me deu o pote.

CLAVARROCHE - Quer jogar agora?

ANDRÉ - E a minha revanche?

CLAVARROCHE - Venha então, senhor André. (Saem com Jacqueline).

PORTÚNIO (desmorcando numa cadeira) - Sangue de Cristo! êle seu amante!



TERCEIRO ATO

I CENA. O quarto de dormir de Jacqueline. Essa e Madalena.

MADALENA - Senhora, um perigo a ameaça. Como estava indo agora na sala, ouvi o senhor André falando com um de seus escreventes. E pude averiguar que se tratava duma emboscada que prepararam para esta noite.

JACQUELINE - Uma emboscada? onde? por quê?

MADALENA - No escritório. O escrevente dizia que na noite passada viu a senhora com um homem no jardim. O senhor André falcava, que ia pegá-la em flagrante e processar.

JACQUELINE - Não estás enganada, Madalena?

MADALENA - A senhora fará o que quiser. Não me dá a honra de contar o que se passa consigo; isso não impede que lhe preste um favor. O trabalho me espera.

JACQUELINE - Está bem, e tenha certeza de que não serei ingrata. Viu Fortúnio esta manhã? Onde êle anda? Tenho de lhe falar.

MADALENA - Não veio ao escritório. Parece que o jardineiro o percebeu andando como um sonâmbulo. Há pouco o procuravam por todos os lados.

JACQUELINE - Vai, Madalena, e não deixes de encontrá-lo.

II CENA. Jacqueline, Clavarroche.

CLAVARROCHE - Que diabo se passa aqui? Será possível! Assistem-me direitos, penso, à amizade do senhor André; no entanto se encontra comigo e não cumprimenta. Os empregados me olham obliquamente, e até o cão parecia querer morder... Por obséquio, o que aconteceu e por que desconsideraram assim as pessoas?

JACQUELINE - Não é para rir. O que eu previra, sucede, e desta vez a sério: passam das palavras à ação.

CLAVARROCHE - À ação? que quer dizer?

JACQUELINE - Que êsses malditos escreventes fazem o papel de espias; nos viram e o senhor André o sabe, e pretende tocar-se no escritório. Corremos o maior perigo.

CLAVARROCHE - Apenas isso a preocupa?...

JACQUELINE - Está louco? como pode continuar brincando?

CLAVARROCHE - É que não há nada tão simples como sair do problema. O senhor André está furioso? Pois bem, que grite, é sem inconveniente. Pretende emboscar-se. Que o faça, nada melhor. Os escreventes agem em conjunto? Ajan, com toda a cidade, se lhes dá prazer. Buscam surprender a bela Jacqueline e seu humilde servidor? Surpreendam, oh, não me oponho. Não vejo o que possa inquietá-la.

JACQUELINE - Nada compreendo do que diz.

CLAVARROCHE - Envie-me Fortúnio. Onde se mateu êsse senhor?Co

mo? estamos em perigo e o engraçadinho nos abandona? Depressa, chama-me-o.

JACQUELINE - Pensei nisso, mas não se sabe onde está, não apareceu esta manhã.

CLAVARROCHE - Isso é impossível; deve estar por aí, cheirando as saias, você o esqueceu nalgum armário, e a empregada por engano pendurou-o num cabide.

JACQUELINE - Mas de que modo pode nos ser útil? Perguntei onde êle estava sem saber muito por quê. Pensando, não descubro como nos ajudaria.

CLAVARROCHE - Hem? não repara que me prontifico a lhe fazer o maior sacrifício?... Trata-se apenas de lhe ceder por esta noite todos os privilégios do amor.

JACQUELINE - Por esta noite? com que desígnio?

CLAVARROCHE - Com o positivo desígnio de que o honrado senhor André e seus bons escreventes não passem em vão uma noite em claro. Cumpre despachar-lhes alguém.

JACQUELINE - Não, não. Você teve uma idéia horrível.

CLAVARROCHE - Horrível? Nada mais inccente. Escreve um bilhete a Fortúnio, se não puder falar-lhe pessoalmente. E o fará vir esta noite sob um pretexto amoroso. Êle entra; os escreventes o notam e o senhor André agarra-o pela gola. Nada de maior lhe ocorre. Você desce lá embaixo em roupas de dormir, e pergunta, com tóda a naturalidade, por que fazem barulho. Explicam-lhe. O senhor André, furioso, por sua vez a questiona sôbre o motivo de o jovem escrevente penetrar no jardim. Você encabula primeiro um pouco; depois confessa sinceramente tudo o que quiser confessar: que o rapaz recorre os seus comerciantes, trazendo-lhe em segredo bijuterias, em suma, a verdade pura. Que há de medonho nisso?

JACQUELINE - Não vão acreditar. Para pagar contas não iria eu dar a aparência dum encontro de amor.

CLAVARROCHE - Acredita-se sempre no que é real. A verdade tem um acento possível de não reconhecer, e os corações bem formados jamais se enganam. Não é, com efeito, em suas comissões que utiliza ês se jovem?

JACQUELINE - Sim.

CLAVARROCHE - Pois bem: se é, diga-o e logo se verá que não falacia. Que êle traga provas no bôlso, um estôjo como ontem, qual quer coisa. Pegue êste lápis aqui.

JACQUELINE - Não o pensa de fato, Clavarroche: é uma armadilha o que visa.

CLAVARROCHE - (apresentando-lhe papel e lápis) - Escreva por favor: "À meia-noite, hoje, no jardim".

JACQUELINE (escrevendo) - E mandar esta criança a uma cilada, entregá-la ao inimigo.



CLAVARROCHE - Não precisa assinar. (Toma o papel). Francamente, minha cara, a noite será fresca e faria melhor ficando em cama. Deixe o rapaz passear sozinho e aproveitar o tempo que fizer. Isso como você: dificilmente acreditarão que êle venha por uma razão comercial. Até o melhor, se a interrogam, é dizer que ignora tudo e nada tem a ver com a história.

JACQUELINE - Mas êste bilhete constituirá um testemunho.

CLAVARROCHE - Despreocupe-se; imagina que homens de valor como nós, mostraríamos a um marido um escrito de mulher? Ademais sua mão tremia um pouco sem dúvida, e as letras ficaram quase irreconhecíveis. Vou dar esta carta ao jardineiro e Fortúnio a terá em seguida. Nada tema.

III CENA. Jacqueline, só.

JACQUELINE - Não, isso não se faz. Quem sabe o que um homem como o senhor André, depois de impellido à violência, pode inventar para vingar-se? Não enviarei êsse jovem a um perigo tão temível. Clavarroche não tem piedade; para êle tudo é campo de batalha, não tem entranhas. De que serve arriscar Fortúnio, quando não há nada tão simples quanto não arriscar nem êle nem ninguém? Imagino que tôda a suspeita se desvanecerá por êsse meio, mas o próprio meio é um mal e não desejo empregá-lo. Não, isso me custa e penaliza: não quero que êste moço seja maltratado. Já que diz me amar, pois bem, não retribuo o mal pelo bem.

IV CENA. Jacqueline, Fortúnio.

FORTÚNIO - Chamou-me, senhora?

JACQUELINE - Sim. Devem ter-lhe entregue um bilhete meu. Leu-o?

FORTÚNIO - Li; pode dispor de mim.

JACQUELINE - Inútil, madei de parecer. Rasgue-o e não falemos mais nisso.

FORTÚNIO - Posso servi-la nalguma outra coisa.

JACQUELINE - (à parte)- Que estranho! não insiste. (Alto) Não, nada me falta. Apenas havia lhe pedido a sua canção.

FORTÚNIO - Ei-la. São só essas as suas ordens?

JACQUELINE - Sim, creio que sim. O que tem você? Está pálido!

FORTÚNIO - Se não lhe posso ser útil, permita que me retire.

JACQUELINE - Costei muito desta canção; tem uma letra ingênua que se assemelha a você; foi feliz ao compô-la.

FORTÚNIO - É muito indulgente...

JACQUELINE - Veja, tive primeiro a idéia de fazê-lo vir, mas refleti, era uma loucura; dei-lhe ouvidos depressa demais. Sente-se aí e cante-me a sua romança.

FORTÚNIO - Desculpe, não poderia agora.

JACQUELINE - Por quê? está doente? Se fôr um mau capricho, tenho quase vontade de obrigá-lo a cantar, queira ou não queira. Não é certo



que tenho senhoria sôbre esta fôlha de papel? (Coloca a dança sôbre o piano).

FORTÚNIO - Não é má vontade, não posso ficar muito tempo: o senhor André me necessita.

JACQUELINE - Até me agrada que lhe passem um carão. Sente-se, cante.

FORTÚNIO - Se o exige, obedeço (Senta-se ao piano).

JACQUELINE - Mas em que pensa você? Teme que alguém apareça?

FORTÚNIO - Eu sofro; não me retenha.

JACQUELINE - Cante antes, logo veremos se sofre e se o rete - nho. Cante, eu quero. Não? Ah, vamos, se canta poderá pegar-me na mão um instante.

FORTÚNIO - Escute, Jacqueline. Teria feito melhor se me dis - sesse, eu teria consentido.

JACQUELINE - Quê? do que está falando?

FORTÚNIO - Sim, seria melhor se tivesse me dito; Deus e tes - temunha de que eu continuaria fazendo tudo por você.

JACQUELINE - Tudo por mim a propósito de quê?

FORTÚNIO - Ah, Jacqueline, Jacqueline, certamente a ama muito! Deve custar-lhe mentir e escarnecer assim sem piedade.

JACQUELINE - Eu, escarnecer? quem lhe disse?

FORTÚNIO - Suplico-lhe, não minta mais... chega... eu sei tudo.

JACQUELINE - Mas afinal o que sabe?

FORTÚNIO - Estava ontem na sala quando Clavarroche e você...

JACQUELINE - Será possível? na sala?

FORTÚNIO - Sim, estava. Em nome dos céus, não diga nada sôbre aquilo. (Um silêncio).

JACQUELINE - Já que sabe tudo, senhor, não me resta senão pe - dir-lhe que guarde silêncio. Calculo bastante os agravos que lhe fiz para nem mesmo tentar diminuí-los a seus olhos. O que a necessidade manda e ao que pode conduzir, um outro que não você o compreenderia talvez, e poderia, não digo perdoar, mas pelo menos desculpar minha conduta. Mas você é infelizmente uma parte demasiado interessada pa - ra julgá-la com indulgência. Resigno-me e espero.

FORTÚNIO - Afeste qualquer receio. Se fizesse algo que pudes - se prejudicá-la, me cortaria esta mão.

JACQUELINE - Basta-me a sua palavra, de que não tenho o direi - to de duvidar. Certas frases ditas ontem requerem talvez uma explica - ção. Mas não podendo justificar tudo, prefiro calar-me sôbre tudo. Deix - me ao menos crer que só o seu orgulho foi ofendido. Se fôr assim, que se esqueçam êstes dois dias; mais tarde falaremos dêles.

FORTÚNIO - Nunca; é o desejo de meu coração.

JACQUELINE - Como queira; devo obedecer. Se no entanto quer que não o veja mais, admita ainda uma palavra. Quanto a mim, da sua parte, nada receio, pois me promete silêncio. Mas existe outra pessoa



cuja presença nesta casa pode ter conseqüências aborrecidas.

FORTÚNIO - A tal respeito nada tenho a dizer.

JACQUELINE - Conjure-o a que me escute. Um choque entre você e êle, percebe, me perderia. Farei tudo para evitar isso. Tudo que possa você exigir, me submeterei sem murmurar. Não me abandone sem pensar no caso; dite-me suas condições. Convém que a pessoa de que falo afaste-se daqui durante algum tempo? Convém que lhe peça desculpas? O que julgo conveniente será recebido por mim como um favor, e assim um dever. A lembrança dalgumas brincadeiras, obriga-me a interrogá-lo sôbre êste ponto. Que decide? Responda.

FORTÚNIO - Nada exijo. Você o ama. Esteja em paz enquanto êle a ama.

JACQUELINE - Agradeço-lhe essas duas promessas. Que posso fazer ainda? estou às suas ordens.

FORTÚNIO - Nada. Adeus, senhora. Esqueça qualquer preocupação, pois nunca terá o que lamentar da minha parte. (Vai sair e pega sua canção).

JACQUELINE - Ah, Fortúnio, deixe-me a canção.

FORTÚNIO - E que fará com ela, cruel como é? Fala-me há um quarto de hora e nada do coração lhe sai dos lábios. Desculpas, sacrificios, reparações! o seu Glavarroche e a sua tôla vaidade! o meu orgulho! Acredita que o feriu? que o que me aflige é o ter sido tomado por bôbo e escarnecido naquele jantar? Nem sequer me lembro disso. Quando lhe digo que a amo, julga que não sinto nada? Quando lhe falo de dois anos de sofrimento, pensa que faço como você? Mas que, parte-me o coração, pretende arrepende-se e me abandona assim! A necessidade, diz, levou-a a cometer uma falta, e sente remorso, enrubesce, desvia o rosto; o que soffro lhe causa piedade; mas me vê, com preceito a sua obra, e eis como cura a ferida que me fêz! Ah, foi na alma, Jacqueline, e lhe bastaria estender a mão... Juro-lhe, por vergonhoso que isto seja: se você tivesse querido, mesmo rindo de mim, eu era capaz de consentir em tudo. Ó Deus! minha energia se esvai: não posso sair daqui. (Apóia-se num móvel).

JACQUELINE - Pobre menino! eu sou culpada.

FORTÚNIO - Ah, guarde, guarde para êle êsses cuidados de que não sou digno! Não foram feitos para mim. Falta-me engenho, não sou nem feliz nem hábil; nunca saberia, nessas circunstâncias, forjar tais estratagemas. Que insensato, acreditei que era amado! Sim, porque você tinha me sorrído, porque a sua mão tremia na minha, porque os seus olhos pareciam buscar os meus, porque de seus lábios entreabertos um ôco som saía, sim, confesso, eu sonhei, supus que se amasse dêsse modo! Que miséria! Se estivesse numa parada, talvez o seu sorriso me felicitasse pela beleza da montaria, e o sol, dardejando em meu capacete, lhe deslumbrasse os olhos... Mas eu vinha dum sala egípcia, de onde há dois anos seguia os seus passeios numa alameda; era



um nulo último escrevente a devorar-se de lágrimas em silêncio, a isso!...

JACQUELINE - Pobre menino!

FORTÚNIO - Sim, pobre menino! repita-o, pois não sei se soubo ou estou desperto e, apesar de tudo, se não me ama. Desde ontem, recorro o que meus olhos viram e meus ouvidos escutaram e me pergunto se é possível. Neste momento você me diz que sim; sinto-o, sofro, morro, e não o creio nem compreendo. Que lhe fiz eu Jacqueline? Como é possível, sem nenhum motivo, sem ter por mim nem amor nem ódio, sem me conhecer, sem me ter notado, como é possível que você, de quem todos gostam, que vi dar esmolas e regar as flores, que é boa, crê em Deus, e a quem nunca eu... Ah! acuse-a, a você que amo mais do que a minha vida! Ó céus! Faça-lhe uma censura? Perdoe-me, Jacqueline.

JACQUELINE - Acalme-se, vamos, acalme-se.

FORTÚNIO - E para que sirva, Senhor, se não para lhe dar a minha vida? se não para o mais mesquinho uso que queira fazer de mim? se não para acompanhá-la e afastar de seus pés um espinho? Que me lastimar e você me escolheu! ia participar da sua existência. Sua bela e radiante imagem começava a andar diante de mim, e eu a seguia, ia viver... E vou perdê-la, Jacqueline? fiz alguma coisa para que me expulsa? Por que não quer nem fingir que me ama? (Cai sem sentidos).

JACQUELINE - (correndo a acudi-lo)- Senhor meu Deus! o que foi que eu fiz!? Fortúnio, volte a si.

FORTÚNIO - Quem é? deixe-me partir.

JACQUELINE - Apóie-se em mim, venha até a janela. Por favor, apóie-se, eu lhe peço, Fortúnio.

FORTÚNIO - Não foi nada, já me repus.

JACQUELINE - Sou-lhe tão odiosa que o repugne assim?

FORTÚNIO - Sinto-me melhor, obrigado.

JACQUELINE - Como lhe fiz mal!

FORTÚNIO - Quando subi, me procuravam; adeus, senhora, conte comigo.

JACQUELINE - Voltarei a vê-lo?

FORTÚNIO - Se desejar.

JACQUELINE - Virá esta noite?

FORTÚNIO - Se lhe aprouver.

JACQUELINE - Vai-se embora, então? Um instante ainda!

FORTÚNIO - Não posso permanecer. Adeus! adeus! (Sai).

JACQUELINE - (chamando)- Fortúnio! Escute-me!

FORTÚNIO - (de volta)- Que deseja, senhora?

JACQUELINE - Escute, é preciso que lhe fale. Não quero lhe pedir perdão, nem voltar ao que se passou, nem me justificar. Você é bom, valente, e sincero? fui falsa e desleal, não posso deixá-lo ir assim.



FORTÚNIO - Eu a perdô inteiramente.
JACQUELINE - Não, você sofre, o mal está feito. Aonde vai que
fará? como é possível que, sabendo tudo, tenha voltado aqui?

FORTÚNIO - Você me havia chamado.

JACQUELINE - Mas vinha para me dizer que o veria naquele en-
contro. Teria realmente comparecido?

FORTÚNIO - Sim, pois era para ser-lhe útil: eu o acreditava.

JACQUELINE - Por que para ser-me útil?

FORTÚNIO - Madalena me disse umas palavras...

JACQUELINE - Então o sabia, pobre, e vinha a êste jardim?

FORTÚNIO - A primeira coisa que lhe disse foi que morreria de
boa vontade por você, e a segunda, que não mentia nunca.

JACQUELINE - Sabia-o e vinha! Imaginou as conseqüências? Tra-
tava-se duma armadilha!

FORTÚNIO - Sabia de tudo.

JACQUELINE - Tratava-se de ser apanhado em flagrante, morto
talvez, arrastado à prisão... que sei? é horrível pensar.

FORTÚNIO - Sabia do que se tratava.

JACQUELINE - De tudo? de tudo? escutou ontem, não é certo? sa-
bia ainda o resto, não é?

FORTÚNIO - Sim.

JACQUELINE - Sabe que minto, engano-o, escarneço de você, ma-
to-o? sabe que amo Clavarroche e êle me faz fazer tudo o que quer?
que interpreto uma comédia? que ontem lá tomeio-o por um bôbo? que
sou covarde e desprezível? que o exponho à morte por prazer? Sabe tu
do, está seguro? Pois bem! bem! e que sabe agora?

FORTÚNIO - Mas, Jacqueline, eu creio... eu sei...

JACQUELINE - Sabes que te amo, o menino que és? que deves me
perdoar ou eu morro, que te imploro de joelhos?

FORTÚNIO - Ah! Jacqueline! (O pano se cerra aqui, abrindo - se
em seguida para o epílogo da V Cena. N. do T.)

V CENA. O senhor André, Clavarroche, Fortúnio e Jacqueline.

ANDRÉ - Venha, pois capitão! Graças a Deus, eis-nos todos ale-
gres, reunidos e amigos. Se jamais duvidar de minha mulher, que meu
vinho me envenene!

CLAVARROCHE (baixo à Jacqueline) - Repito-lhe que seu escreven-
te me aborrece; despache-o por favor.

JACQUELINE (baixo) - Fiz o que você me disse.

ANDRÉ - Quando penso que ontem passei a noite no escritório,
me constipando por causa duma maldita suspeita, nem sei como me qua-
lificar.

CLAVARROCHE - (baixo) - Se seu escrevente não sai da casa, sai
rei eu.

JACQUELINE - (baixo) - Fiz o que você me disse.



ANDRÉ - Mas contei-o a todo mundo; cumpre que a justiça se faça aqui. Toda a cidade saberá quem sou, e doravante, por sua presença, não desconfiarei seja do que fôr. Vamos para a mesa. Fortúnio, nos cantarás aquela romança e beberemos a teus amôres. Eu lhes cantarei o "Amigos, bebamos, bebamos sem cessar, / Amigos..."

FORTÚNIO - Essa canção é antiga!... Cante agora, senhor Clavarroche.

F I M

SESC/Ad. 1968